ANNO 5.º — Sexta-feira, 6 de Dezembro de 1912 — NUMERO 250

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Empresa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 40 réis
Comunicados . . . . 20 réis
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Uma questão vital

A costa de Aveiro e os cêrcos americanos

CUMPRA-SE A LEI!

Não ha duvida que apezar de todos os protéstos feitos e dos mais que se seguirão, proséguem tambem nos seus esforços, com vantagens consecutivas, aqueles que, pondo de parte a miséria duma região inteira, cada vez mais se alucinam no ante-goso dos formidaveis lucros que o futuro monopólio da pésca com o emprego dos *cêrcos americanos* deve produzir!

Que esse formidável sindicáto constituido por gróssos capitaes e não menos grôsso compadrío tem levado até agora de vencida as suas gananciosas aspirações representadas por esse sistéma de pésca que se pretende tornar uma realidade, não oferéce sombra de duvida a qualquer que mais despreocupádamente se observe a situação.

Contra as mais convincentes razões expostas; descontro á durêsa da realidade apresentáda em toda a sua cruêsa de horrorosa verdade, na parte relativa á misera situação em que ficarão milhares de familias; na espectativa duma séria alteração dorem pública que redundará—quem sabe?—em conflitos muito sérios e não menos grâves; deante da lêtra formal da lei que proíbe expressamente o emprego de *cêrcos americanos* na costa do norte—contra tudo e apezar de tudo—a Comissão Central de Pescarías delibéra, por unanimidade, conceder autorisação para que taes aparelhos sejam no nosso litoral aplicados e tolerados na pésca da sardinha!

Simplesmente espantôso!

E com um requinte de verdadeiro escárneo, esse parecer consigna que—*só durante o dia se póde adotar aquele processo, mas afastado da terra tres milhas para não cauzar prejuizos nos pequenos aparelhos que se empregam na mesma industria!*

Sem pejo, sem pondonôr escreve-se isto, quando todos sabem que a tres milhas de terra são lançadas as rêdes conduzidas da nossa praia, o que equivale a evitar a apanha da sardinha pois imediatamente a seguir ao ponto onde as nossas rêdes são lançadas está o aparelho do *cêrco*, colhendo toda a sardinha e impedindo-a por tanto de poder ser colhida pelas que da costa são lançadas.

Como grande compensação, de dia, diz o parecer, lançarão o *cêrco* a tres milhas, mas de noute colocal-o-hão onde e a que distancia quizérem, assim se fica entendendo, que já *não causam prejuizos nos pequenos aparelhos que se empregam naquela industria!*

Mas que entende a *celestial* Comissão Central de Pescarías por *prejuizos* nos outros pequenos aparelhos? Chama só prejuizo ao dâno que poderia causar a confusão désses aparelhos, enrascando-se, ou á falta de colheita que eles poderiam conseguir, lançados nas circunstancias que o parecer consigna?

Não sabemos, nem tal nos dá cuidado.

O que sabêmos é que se torna necessário a mais energica campanha de protésto contra tal resistencia em querer tornar realidade uma medida que envolve a maior e a mais imediáta miséria para milhares de creaturas assim como um prejuizo de centenáres de contos representados por todo esse material empregado no nosso litoral desde Espinho até á Vagueira!

Não é só a fóme que imediatamente entrará no já miseravel tugurio do pobre pescador, mas será a ruina de muitos outros individuos que tem na sociedade representativa da companha, todos os seus haveres, toda a sua fortuna ainda que representada sómente por quatro ou cinco centos de mil reis, equivalentes ao valôr de tudo que possuiam e venderam para aquele fim, unica ambição de toda a sua vida.

Não é só no comicio e á imprensa que deve ser levado o justissimo protésto dos milhares de interessados nésta questão, que, repetimos, é de vida ou de morte para esta cidade e para todas as vilas que pela sua situação se encontram em igualdade de circunstancias.

E' no parlamento, e, com franqueza, admirâmos que só agora lá tenha chegado onde se deve fazer ouvir a formidavel verdade justificativa da justiça que assiste a este povo trabalhador e honesto que, *ainda merecedor de mais pezar*, tem ha pouco afirmáva um *tubarão*, que apezar da sua doutrina não oferece a favor dos cófres públicos o que bem poderia, sem prejuizo, dispensar de receber; a éste povo, diziâmos, que não póde ser submetido á dura próva de morrer de fóme emquanto os socios do monopólio se locuplétam com os largos proventos da sua exploração.

A' hora que escrevemos ignorâmos qual tenha sido o despacho dado pelo sr. ministro ao parecer da Comissão.

S. ex.ª póde, á sombra da lei, sem ofensa para ninguem, liquidar a questão, negando a licença.

O artigo 92.º do *Regulamento Geral da Pésca da Sardinha nas Costas de Portugal*, aprovado por decreto de 14 de maio de 1903, não oferece duvida a este respeito. E' tão claro quanto categórico na sua disposição que diz: **O exercicio destes aparelhos** (refére-se aos *cêrcos americanos*) **não é permitido no departamento maritimo do norte até que se modifiquem as condições em que atualmente se efetua a pésca naquela costa.**

Que mais é preciso para que sejam atendidas as reclamações dos pescadores e mais interéssados?

As condições de pésca no norte, existentes á data da promulgação da lei, são precisamente as mesmas de hoje e sél-as-hão por muito tempo em quanto não fôrem adotadas e estabelecidas as modificações indispensaveis que permitam alteral-as e que no editorial do nosso numero passado, com tanta minuciosidade e cópia de rázões justificativas, expozémos.

O sr. ministro fechará os ouvidos ás razões que o sindicáto, apoiado por todas as comissões e pareceres, desejará fazer valer, para que só triunfe a justiça e a razão compendiadas nas justas reclamações dum povo inteiro?

Não supomos o contrário, mais uma vez o dizemos, apezar de tudo.

E falâmos assim porque nos repugna admitir que dos poderes do Estado parta o exemplo do desrespeito pela lei porque nada haveria então a admirar que de tal situação resultasse outra, muito mais grâve nos seus efeitos e nos seus resultados.

A nossa querêla

Em bréve começarêmos a publicar néstas colunas coisas interessantes ácêrca do *Camaleão*, dos *firminos* e da *firminada*, e que de certo modo hão-de influir para tornar bem conhecido o cinismo, a hipocrisia do bando que em Aveiro paira como um abutre de que toda a gente se afasta temendo a bicaráda.

Estâmos a compilar elementos que são realmente interessantissimos.

Só o retrato do nosso algoz...

A pésca no Norte

COMICIO

A *Associação Comercial e Industrial de Aveiro*, perante a ameaça da revogação do artigo 92.º do Regulamento Geral da Pésca da Sardinha, de 14 de Maio de 1903, que **proíbe** a pésca com *cêrcos americanos* nas costas do Departamento Maritimo do Norte, e portanto, na da jurisdição da Capitania do porto de Aveiro—de Espinho até Mira—revogação que se diz pedida em requerimento dirigido ao Ex.mo Ministro da Marinha por alguns capitalistas do Porto, resolveu tomar a iniciativa da resistencia legal, mas energica, contra o deferimento de semelhante pretenção que seria, quando satisfeita, a desorganisação economica dos concelhos de **Espinho, Ovar, Estarreja, Aveiro, Ilhavo, Vagos** e **Mira,** a ruina do seu comércio, o definhamento de industrias que vivem da pésca, causaria importantissimo prejuizo á agricultura e estancaria a melhor fonte de trabalho para esta laboriosa região, onde, até hoje, êle nunca faltou, ainda nas crises mais gráves que tem atravessado o país.

Como começo dêsta resistencia legal, a *Associação Comercial e Industrial de Aveiro* convida os póvos dos concelhos ameaçados—**Espinho, Feira, Ovar, Estarreja, Ilhavo, Vagos, Mira** e **Aveiro**—a reunirem no proximo domingo, 8 do corrente, com representação das suas corporações locaes, pelas 12 horas do dia, no Largo do Rocio désta cidade, em comicio publico, para ser discutida a pretenção aludida e para se apreciar uma representação, pedindo ao Ex.mo Ministro da Marinha o seu indeferimento.

Trata-se duma **questão vital para a economia desta região,** e não, simplesmente, do interesse exclusivo da industria da pésca.

Combatendo o emprego dos *cêrcos americanos* no trato de costa que vai de Espinho a Mira, a *Associação Comercial e Industrial de Aveiro* está ao lado do pôvo que recebe da pésca por meio das *chávegas*, anualmente, em remuneração do seu trabalho, salários que se elevam a cêrca de **200 contos de réis;** defende a *industria da cordoaria* que, do emprego dos mesmos aparelhos, tíra cada ano aproximadamente **90 contos de réis;** pugna pela agricultura que, pela venda da alimentação para o gado, empregado na tração das rêdes, ou pelo seu aluguér ás empresas que o não possuem, e pelo fornecimento do vinho e aguardente para as *marinhas* recebe em cada safra de pesca para mais de **100 contos de réis.**

Além dêstas, ainda por outras despezas, não tão elevadas, mas bastante importantes, contribue êste sistêma de pésca para a economia regional. E não falâmos na fonte de trabalho e riqueza que resulta do importantissimo comércio do peixe, proveniente da pésca na nossa costa, que tantos milhares de braços ocupa no seu transporte, venda, revenda, salga, contagem e acondicionamento para a exportação. Mercanteis, comissarios, carreiros, empilhadeiras, acamadeiras etc., todas estas classes de trabalhadores, irão ficar sem ocupação, se o emprego dos cêrcos fôr autorisado e êles vierem afugentar, como já atualmente fazem as lanchas da Povoa, nos mêses do *tarde,* a sardinha que, nésta época, corre do Norte para o Sul, mais ou menos longe da costa, entrando na limitada zôna em que as *chávegas* funcionam.

Os numeros acima e o que acabâmos de expôr, bastam para que se compreenda o prejuizo que para nós resultará do emprego dos *cêrcos americanos*, na costa da jurisdição da Capitania do porto de Aveiro.

Não se trata de livrar as emprezas de pésca, repetimos, da concorrencia de emprezas rivaes: mas de **salvar** os interesses do comércio, da industria e da agricultura, intimamente ligados ao atual sistema de pésca: trata-se da grande legião dos que até hoje tem encontrado trabalho abundante e bem remunerado na condução, na preparação e no comércio do peixe que as *chávegas* fornecem, e que, *com a revogação* do artigo 92.º do Regulamento da Pésca da Sardinha, para o *seu sustento e o de suas familias* só encontrarão, provavelmente, o *recurso da* **emigração.**

A *Associação Comercial e Industrial de Aveiro* apéla para todos os interessados, exortando-os a que **não faltem ao comicio** de domingo, para com o seu auxilio poder continuar na defeza de tão importantes e sagrádos interesses.

A união faz a força!

Ao Comicio, pois, para uma resistencia legal, sem deixar de ser energica.

Aveiro, 3 de Dezembro de 1912.

Pela *Associação Comercial e Industrial de Aveiro*

O PRESIDENTE

José Gonçalves Gamelas

CRIME E IMORALIDADE

Deante da "chantage,, ignobil exercida pelo tenente miliciano, Manuel Pereira da Cruz

o "Democrata,, continúa a exigir a sua punição

LEI EGUAL PARA TODOS!

Foi de emocionante sensação no espirito público o efeito de quanto sobre o condenavel e infame tráfico com as isenções militares, que aqui, vimos referindo e tratando sobre os seus variados aspectos, agravado presentemente com a condenação de tres dos implicados no mesmo crime, dissémos no *Democrata* da semana finda.

A opinião geral é unanime em exigir uma satisfação não só á lei ofendida como a essa mesma opinião que precisa, que exige, em nome da moralidade, dum salutar exemplo vindo dos que tem a seu cargo, como funcionários, como juizes, como ministros, a guarda e o cumprimento da lei!

O que sobre o resultado final respeitante á liquidação de responsabilidades, manifestando a duvida de muitos e a descrença doutros, se dizia á boca pequena, hoje afirma-se alto, sem rodeios nem conveniencias, ouvindo-se por todos os lados as mais irónicas referencias duns, as mais revoltadas apostrofes doutros, sem todavia acharmos uma palavra com a qual possâmos defender, provar a nenhuma culpa daquéles que nunca deveriam sequer permitir a possibilidade duma suspeita!

Isso é que nos dóe e bem deveras nos moléstа.

O sr. dr. Bento Guimarães, no tribunal de Oliveira de Azeméis, apezar da sua qualidade ali de defensor dum dos réus, não poude calar no seu intimo uma frase que sintetisa, sem a mais pequena dúvida, toda a triste e dura verdade dêste porco e repugnantissimo caso.

Disse s. ex.ª: **as baixesas vêm do alto, e que bom é que élastenham o merecido castigo, não ha duas opiniões nem eu quero negar.**

Sem duvida que esta frase traduz duma maneira frisante e absolutamente inconfundivel a convicção arreigada no espirito de s. ex.ª de que não era o seu constituinte quem significava *o alto* donde provinham as baixesas que exigiam castigo.

Ela exprime e traduz bem nitidamente a revolta e o protésto do ilustre advogado que vendo responder pelo seu acto criminoso o réu que defendia, os verdadeiros culpados, porém, ainda que todos conheçam as baixesas que até agora tem mantido a sua impunidade, com um descáro inaudito, uma petulancia de verdadeiros *escrocs*, passeiam em liberdade essas ruas

Com nome e rostos de honrados

ainda que, a horas mortas, procurem, nas respectivas residencias *jornalistas* alcoolico-latrinarios, para combinar defêsas mirabolantes ou incital-os a miseras tentativas de ataque, sem outro resultado mais do que a justificação da réles conta em que as não menos réles creaturas são tidas!

A que se desce nêste mundo!

Assim, com estes tôrpes expedientes e com a reconhecida protecção que até agora os vem

cobrindo, aquêles que de facto e de verdade são os unicos e verdadeiros responsaveis de toda esta miséria continuam aquecendo-se aos belos raios de sol da liberdade, ainda que isso traduza o maior ultrage á Republica, a mais gràve ofensa á lei e á justiça, ofensa que atinge proporções profundamente revoltantes, quando se afirma que o processo movido por esse motivo contra o sr. Manuel Pereira da Cruz, foi mandado arquivar por falta de provas, como o comunicou ao publico o pasquim da familia — antes mesmo de tal despacho ser lançado no processo!!!

E' verdade.

Foi arquivado o processo por falta de provas, que todavia eram perfeitamente iguaes áquélas que produziram as condenações dos réus julgados, pelo mesmo crime, no tribunal da comarca de Oliveira de Azemeis!

Ali umas poucas de testemunhas vêm declarar que os réus com élas combinaram, ajustando o competente preço, o livramento de mancebos do serviço militar.

Um dos réus, tal era a escola e o contacto com os dirigentes, *examinava* os recenseados, observando-lhe os pés, os contornos, auscultava-os e até a alguns logo os desenganava, tal era o resultado obtido no seu *exame*.

Todos estes depoimentos, todas estas provas fizéram fé e falaram á consciencia do impoluto magistrado julgador do caso.

Os defensores dos réus, todos bachareis formados, não alegaram a nulidade dêsses depoimentos — porque deveriam ser comprovados com outras testemunhas e ainda porque sendo queixosos, como vitimas da burla não podiam depôr contra os réus!!! Dizemos assim porque esta é a peregrina teoría sustentada e prégada pelo reduzidissimo numero de amigos e defensores do sr. Manuel Pereira da Cruz, no caso presente.

As declarações feitas aos membros da junta medico-militar de Ilhavo, algumas assinadas pelos proprios, outras a rogo, aquélas que por sua vez, satisfazendo todas as prescrições legais nós conseguimos, publicando-as, como os nossos leitores viram, tudo isso de nada vale para o sr. Manuel Pereira da Cruz, tenente medico miliciano de que ainda tem o respectivo fardamento e do qual cargo não foi ainda destituido, para *honra* do exercito português—mas foi a unica e mais que suficiente prova para resultar a condenação de tres dos implicados, ainda que como secundarios personagens, a 16 mezes de cadeia custas e sêlos do processo!

Póde por ventura permitir-se que tal facto suceda a dois anos de Republica quando ainda estão nos ouvidos de todos as promessas e as juras feitas em nome da honra e da patria pela defêsa e prestigio da lei e do regimen, por aquêles que estão á frente dos destinos da nação?

Sr. ministro da guerra: — mais uma vez aqui nos tem V. Ex.ª pedindo justiça, implorando de V. Ex.ª as providencias imediatas e indispensaveis para que se não possa com verdade dizer que a Republica, protegendo o autor do crime de tão repugnante natureza, com êles se identifica e pactua!

Para que se não diga, sr. ministro da guerra, que a Republica enveréda pelos mesmos caminhos de vergonhosa corrução percorridos já pela monarquia com tão profundo descrédito e vergonha para este pobre país!

Sr. ministro da guerra: chame a V. Ex.ª o processo arquivado, examine-o, estude-o e pergunte depois á sua consciencia se éla nos não dá rasão, se éla não clama mais alto do que ninguem: justiça, justiça!

A consciencia de V. Ex.ª estará comnosco fatal, decidida e infalivelmente!

CRISE?

A eleição para a mesa que preside aos trabalhos da câmara dos deputados, no dia 2 efectuada, deu logar a declarações taes por parte do grupo democratico, que para ninguem déve constituir surprêsa a proxima quéda do ministério Duarte Leite, o ultimo, segundo se diz, de concentração, visto a falta de apoio de aquêle grupo e consequentemente a declaração formal de que não voltará mais a colaborar em ministérios assim organisados *de que nenhum beneficio tem resultado para o país e para a Republica.*

Com franquêsa: já era tempo de as principaes figuras representativas do novo regimem encararem a situação e resolverem alguma coisa de util em vez de se prenderem com a politiquice que fez a ruina de Portugal e abriu a cóva á monarquia.

Isto assim não vai bem. Crises sobre crises, a divida pública a aumentar, medidas de fomento por resolver, os monarquistas mechendo-se e agitando, onde iremos nós parar se não houvér quem tenha mão nos que parecem apostádos em perder a Republica?

Não fazemos recriminações.

Muitas vezes aqui temos dito que não somos nem queremos ser politicos, por emquanto, de A, B ou C. Como republicanos e patriotas, porém, achâmos que é detestavel tudo quanto se faça e que não tenha simplesmente em mira o bem do país, que déve ser o unico odjectivo dos homens que sobre si tomaram o encargo de o governar em 5 de Outubro. de 1910.

Esta é que é a verdadeira politica. Politica patriotica, de interesse para todos, porque todos temos a lucrar com uma bôa administração e as medidas correspondentes que lhe andam ligádas.

Tudo o mais é cavar o abismo aonde, sem sombra de duvida, iremos precipitar-nos.

"A Vida Portuguêsa„

Já se encontra á venda o 3.º numero dêste quinzenário de inquerito á vida nacional, propriedade da *Renascença Portuguêsa*, em que se nota colaboração escolhida e muito variada.

E' um verdadeiro mimo de literatura.

Ponhâmos os olhos nisto

Lêmos numa correspondencia de Viana:

Em virtude dos esforços da Associação Comercial, o grande hotel de Santa Luzia começa a funcionar na próxima primavéra, para o que se associam todos os proprietarios dos atuaes hoteis desta cidade. Os preços das refeições apenas sofrerão o pequeno aumento de 100 reis, nos estabelecimentos congenéres da cidade. E' justo. O serviço da ascenção á montanha será feito nos automoveis da empreza Automobilista que inicía as suas carreiras desta cidade aos Arcos tambem por aquela época.

Parabens á Associação Comercial.

Aqui fica a próva de quanto póde a iniciativa local e particular na unanime realisação dum melhoramento, que, como este, tráz por certo manifesto beneficio onde se efectua.

O hotel em questão é o que já tivémos ensejo de visitar quando da nossa excursão a Viana do Castélo e que fica num dos mais bélos sitios, em Santa Luzia. Esse magnifico edificio é obra dum benemérito filho daquela cidade e devido á iniciativa da Associação Comercial, terá em bréve a definitiva aplicação para que o destinávam.

Que bélo exemplo de confraternisação duma cidade e quanto necessário é para Aveiro reproduzil-o, de fórma que conseguisse a montagem dum hotel á altura de receber condignamente quantos aqui, apezar de tudo, ainda vêm admirar as belezas naturaes desta região!

Porque se não tenta um esforço?

Porque se não procede a um ensaio?

Esperimentêmos, que a cidade de Aveiro bem o merece.

O 1.º de Dezembro

Em toda a parte foi solénisada no domingo com maior ou menor entusiasmo, esta data que marca na historia de Portugal o dia da sua emancipação do jugo hespanhol, que um punhado de heroes levou a cabo, por meio duma revolução, em 1640, após sessenta anos de aquêle dominio.

Em Aveiro os festejos limitáram ao embandeiramento e eluminação dos edificios públicos, alvorada pela banda dos Bombeiros, que á noite percorreu tambem algumas ruas da cidade tocando o hino nacional e a uma sessão patriotica promovida pelo digno director da Escola Normal, sr. José Casimiro da Silva, a que assistiu o sr. governador civil, com o concurso de todo o corpo docente e alunos que para esse fim trabalharam com a mais decidida bôa vontade.

Entrámos néssa festa por méro acaso, visto não terem sido feitos para éla convites especiaes. Isso, porém, não nos inibe de dizermos das nossas impressões aos leitores do *Democrata* porque mesmo entendemos que festas como a que se realisou na Escola Normal se não dévem limitar só aos alunos atenta a sua significação e brilho com que foi levada a efeito.

Está, como se sabe, a Escola Normal instaláda em algumas dependencias do antigo convento de Jezus, onde ha salas espaçosas, cheias de luz e ar e que bem ornamentadas, semelhantemente á escolhida para comemorar o aniversario da restauração, se devem abrir para que o público possa apreciar os progressos por que aquele estabelecimento de ensino tem passado, visitando-as e compartilhando do regosijo dos alunos ao festejarem datas como a do 1.º de Dezembro, para que sejam incitádos e no seu espirito se avigóre o amor da Patria que devem transmitir ás gerações futuras, ás creancinhas cuja educação lhes seja confiáda.

Por nós dizemos: a festa de domingo impressionou-nos sobremaneira porque néla vimos nitidamente impréssa a nota patriotica, a começar na ornamentação da sala onde se via, por detraz da meza da presidencia, um lindo busto da Republica sobre a bandeira verde-rubra da Patria, afóra os retratos do presidente Arriaga e dr. Teofilo Braga, várias alegorías e flôres, cujo conjunto e disposição era uma perfeita maravilha naquele recinto, ás 11 horas já repleto de alunos e alunas para receberem a primeira autoridade do distrito, que foi acolhida ao som do hino nacional magistralmente executado por um sextêto, acompanhado ao piano pela sr.ª D. Maria Joaquina de Sá Ferreira, ex-aluna de aquele estabelecimento pedagógico.

O sr. Ribeiro de Almeida, tomando a presidencia, congratula-se por se encontrar naquéla festa em que se comemora o feito mais glorioso da nossa historia, o 1.º de Dezembro, que marca o reviver da Patria, a independencia de Portugal. Présta homenagem aos heroes de 1640 depois do que termina erguendo um viva a Portugal, entusiasticamente correspondido.

Por sua vez o director da Escola, sr. José Casimiro da Silva, dirigindo-se ao auditório produz a seguinte alocução:

Solenisar uma data histórica é rememorar e radicar na alma dum pôvo a recordação dum facto que exerceu influencia notavel na sua evolução; é ligar o passado ao presente, avivando sentimentos que, formando a base das virtudes civicas, elevem e enobreçam as nações, tornando-as prosperas e respeitadas; é educar sentimentos que hão de guiar um pôvo na sua vida futura porque é criar virtudes colectivas que unificam forças, fortificam energias e disciplinam vontades numa resultante unica—o Bem da Patria.

Em todos os tempos se celebraram factos históricos; em todos os tempos se celebraram as virtudes individuais dos homens que exerceram influencia nos acontecimentos dum pôvo ou duma época,

Em todos os tempos houve a intuição da influencia educativa das comemorações e quanto élas concorrem para manter tensa e vivida a sentimentalidade colectiva e quanto concorrem para semear e avigorar as virtudes sociais, as virtudes colectivas, exemplificadas nos homens e nos factos.

E, se espiritos, dizendo-se positivos, num excesso de radicalismo, consideraram tais comemorações como manifestações de sentimentalidade piégas e as deixarem cair em desuso, julgaram mal das cousas determinantes dos fenomenos sociais, porque, apesar das incoerencias flagrantes das manifestações populares, sopuséram que na alma dos povos como na alma dos individuos, a razão prevalece ao sentimento.

Não atenderam a que em todos os tempos os sentimentos e as crenças foram o mobil das grandes transformações sociais; em todos os tempos, homens privilegiados se aproveitaram da sensibilidade da alma colectiva, e, sugestionando-a, arrastaram atraz de si as massas populares, anonimas e irresponsaveis, apoiando-se nélas para satisfazer ambições ou para realizar idiaes que elevaram ou deprimiram os povos, ou os fizéram avançar na civilisação ou os fizéram estacionar, deixando que outros os excedessem.

Vâmos nós corrigindo a civilisação artificial em que vivemos e, não nos deixando iludir por utopías, caminhemos com segurança no campo do positivismo, guiando-nos pelas leis que regem os fenomenos sociais, formuladas pela sciencia da observação.

E, sendo já hoje admitido como lei, porque os factos o provam, que os povos se guiam mais pelos sentimentos que pelas ideias, á sentimentalidade popular dirijâmos a nossa acção educativa e com as comemorações historicas, modestas ou cheias de galas, façâmos reviver o amor da Patria, hoje tão amortecido.

Como que esquecendo a tradição historica que nos demonstra a heroicidade dum povo que, de pequeuo, se tornou grande pelas emprezas arrojadas que realizou e pela influencia que exerceu na civilisação do mundo, o povo português perdeu muitas das virtudes colectivas que havia desenvolvido e alimentado com o exemplo sugestivo dos seus maiores e que havia cimentado com sangue nos campos de batalha e robustecido nas lutas com as tempestades na vastidão do oceano.

Perdêmos muitas das qualidades viris que nos fizéram grandes e deixámos adormecer outras que nobilitam os póvos, ainda nos periodos da sua maior decadencia.

A alma portuguêsa, profundamente alterada, quasi se desnacionalisou.

O amor da Patria já não vibra com a intencidade de outros tempos.

Desenvolvê-lo é a obra grandiosamente patriotica que temos o dever de realizar. Trabalhêmos néla com o fervor dum apostolo e com o fanatismo de um crente.

Aproveitêmos a sensibilidade da alma popular e néla façâmos germinar e robustecer todos os sentimentos nobres e generosos que elevam os homens no conceito proprio e as nacionalidades no conceito da Historia, tornando-as respeitadas dos póvos contemporaneos.

Façâmos do amor da Patria a nossa religião e á Patria prestêmos o fervoroso culto da nossa alma.

Trabalhêmos por éla e para éla, sacrificando o egoismo individual ao egoismo colectivo, a essa grande virtude que absorve a energia de cada um em proveito da Patria que assim floresce e caminha no Progresso e na Civilisação.

Criarêmos assim uma alma nova na nacionalidade portuguêsa.

A' Bandeira da Patria prestemos o culto que nos merece esse farrapo verde e vermelho que, para nós, onde quer que nos encontrêmos, simbolisa a Patria, a terra onde nascemos e criámos afeições; a terra que foi de nossos avós e será de nossos filhos.

Façâmo-la respeitar por todos e em toda a parte. E, quando mãos inimigas tentarem manchá-la, sejâmos outros tantos Duartes de Almeida:—segurêmo-la com os dentes, quando nos tivérem cortado as mãos!

Associêmos ao culto da Bandeira o respeito pelo Hino Nacional.

Se a Bandeira é o simbolo da Patria que nos serviu de berço, o Hino é o cantico guerreiro que nos animará na conquista do futuro; é a canção com que adormecemos embalados por nossas mães.

Minhas senhoras: inspirai-vos, no vosso papel de educadoras, nos exemplos que vos legaram as heroinas portuguêsas.

Perguntáram a um inglês a rasão porque esse povo, que todos admiram, possue tão brilhantes virtudes colectivas, e êle deu esta laconica resposta:

As mães e educadoras de nossos filhos, são inglêsas.

Se nésta resposta se sintetisam as virtudes educativas da mulher inglêsa, néla se resume a grande influencia que a mulher exerce na educação dum povo.

E' grande e nobre a vossa missão, senhoras, sabei-a cumprir e recebereis a benção da Patria.

As palmas irropem nêste momento ao inteligente professor José Casimiro, que tão bem soube falar á alma dos seus alunos, ouvindo-se de novo a *Portuguêsa* por êles cantada em côro, como mais tarde a *Maria da Fonte*, a *Sementeira* e o hino da Bandeira, nos interválos dos discursos e poesias recitádas por estudantes da Escola.

Dêstes distinguiram-se os srs. José Pereira Téles, José dos Santos Costa, João de Pinho Brandão e as sr.as D. Raquel Antunes e D. Arminda Maia, que, com intuição e patriotismo, faláram das nossas glorias patrias arrancando os veementes aplausos da assembleia.

Pérto das 15 horas o sr. Ribeiro de Almeida dá por finda a sessão, visto ter-se esgotado o programa em que egualmente figurávam alguns numeros de musica, executada com maestria, mas não sem que primeiro fizesse um apêlo á mocidade para que, pelo estudo, pelo trabalho, prepare a ésta Patria um futuro prospero, tornando-a poderosa e respeitáda entre as de mais nações do mundo.

Estas palavras, que o hino nacional logo abafou, foram como que a sintese de tudo quanto se disse para comemorar o glorioso aniversario da independencia de Portugal e que a Escola de habilitação para o magistério primário não deixou passar despercebido, festejando-o e interessando nêle todos quantos a frequentam.

"Questões de ensino„

Do sr. dr. Alfredo Coelho de Magalhães, nosso amigo, professor do liceu Rodrigues de Freitas, do Porto, recebemos um exemplar do seu recente trabalho subordinado ao titulo da epigrafe e que é mais uma afirmação de quanto o distinto professor se interessa pela instrução no nosso país.

Agradecemos-lhe.

Sôma e segue

No *Seculo* de domingo 1 de dezembro, lê-se:

No tribunal do 2.º distrito foi tambem ontem condenado em 90 dias de prisão e egual tempo de multa a 100 réis, José Francisco Argencio, o «José Cuco», sapateiro, de Alcabideche, concelho de Cascaes, que era acusado de, fingindo ter grande influencia, poder isentar mancebos do serviço militar, recebendo como prémio diversas quantias e até varios animaes domesticos.

Para juntar ao numero dos tres que na semana finda o tribunal de Oliveira de Azemeis, por egual motivo, condenou, achâmos que não podia vir em melhor altura.

E o medico miliciano Pereira da Cruz a rir-se! A afrontar cinicamente uma cidade inteira, fiádo na protecção que lhe vem de cima, êle que é mil vezes mais criminoso do que os quatro desgraçados sobre quem a justiça caíu!

Revolta-nos esta desigualdade. Não é sério. Isto não é digno do regimen republicano, não está em harmonía com as promêssas de moralidade feitas para derrubar a ultima dinastía. Não; o sr. Pereira da Cruz não póde ficar impune lá porque é medico, tenente miliciano, *delegado de saude no distrito, homem politico, politico republicano e republicano democratico*, como lhe chama o *Camaleão*, porque essa impunidade dá logar a que os verdadeiros republicanos mal digam o tempo gasto e os sacrificios dispendidos em prol da causa que êles julgávam trazer comsigo a reforma de costumes, mórmente de aqueles a que andávam ligadas as mais revoltantes imoralidades.

Que isto não esqueça: o *Melro*, o *Cancélas*, o *Sarrilha* e o *José Cuco* teem em Aveiro um coléga do mesmo crime que, apesar das provas produzidas nêste jornal, ainda anda á solta além de estar na contingencia de receber um prémio pelo quartel general, como não ha muitas horas nol-o afirmáram.

Póde isto ser? Póde isto admitir-se?

Que nos respondam os honéstos. Que nos respondam aquêles que acima da amisade pessoal colocam a inteirêsa de caracter como condição e seguro penhor déssa mesma amisade.

Nós sômos suspeitos, porque temos aqui amarrado ao pelourinho das suas torpêsas o sr. Manuel Pereira da Cruz, que, felizmente—do mal o menos—só é republicano depois do 5 de Outubro por uma questão de méra conveniencia e nada mais.

Resposta

Chega-nos á ultima hora o documento que passâmos a inserir:

......cidadão Arnaldo Ribeiro e nosso presado amigo

Acusâmos a receção da vossa carta de 21 de novembro ultimo, cujo conteúdo só hoje nos foi possivel apreciar por só hoje nos termos podido reunir para tal fim, a que respondemos:

Honra-nos sobremaneira o encargo que néssa carta nos confiastes e honra-vos a atitude por vós tomada efectivando imediatamente, na sua essencia, o precedente alvitre do ilustre director da Liberdade *ácêrca da remessa ao Directorio das colecções do* Democrata *e da* Liberdade *para que aquêle alto corpo dirigente do Partido Republicano Português se pronunciasse sobre qual dos dois jornais provocou o conflito já sobejamente conhecido.*

Exactamente porque as duas partes directamente interessadas tão convencidas estávam de que a rasão era do seu lado que uma, honrando se, alvitrou a remessa ao Directorio das colecções dos dois jornais pleiteantes, e logo a outra, honrando-se tambem, imediatamente confiou na nossa imparcialidade e depôz nas nossas mãos as colecções dos dois referidos jornais pedindo-nos que emitissemos parecer sobre qual dêles foi o primeiro a exceder-se até o ponto de resultar o conhecido conflito; e considerando que, em tal conjuntura, qualquer parecer sobre o melindroso assunto, emitido por nós ou por outrem, forçosamente sería para uma das partes a negação daquilo de que préviamente se houvéra convencido e cujo convencimento está franca e lealmente traduzido na atitude tomada e antes referida; considerando ainda que, nêstes termos, o nosso parecer não sería esteril porque sería prejudicial visto como possivelmente provocaria a continuação dum lamentavel conflito já airosamente e terminantemente solucionado em assembleia geral do Partido; e atendendo a que as duas partes são ambas crédôras da nossa amizade pessoal e politica pela sua extremada conduta como cidadãos e como dedicados republicanos em quem a Republica tem leais e denodados defensores e inteligentes colaboradores historicos, cumprindo-nos, consequentemente, evitar tudo quanto possa embaraçar a comum acção profiqua dos dois correligionários: resolvemos solicitar vos que aceiteis como insubsistente e inoportuno o honroso encargo que em vossa aludida carta nos cometestes. E agradecendo antecipadamente a vossa rasoavel acquiescencia, significativa do silencio que, sem desprimor para ninguem, sobre o debatido assunto convém manter, subscrevemo-nos com estima

Vossos amigos certos e gratos

Aveiro, 2 de dezembro de 1912.

Manuel Ferreira Viégas Junior
André dos Reis
Antonio Maria Beja da Silva

Pela imprensa

A Folha Nova.—Passou o primeiro aniversário dêste nosso coléga portuense cuja orientação, guiáda pelos verdadeiros principios republicanos, lhe criou um logar de destaque entre os jornaes do nosso país, para o qual muito tem contribuido os srs. dr. Moraes Costa, dr. Augusto Pimenta e Francisco Aranha pertencentes á sua comissão directôra.

Orgão do *Centro Republicano Democratico do Porto*, o diário da tarde *A Folha Nova* tem ainda a recomendal-o a larga informação com que sempre se apresenta e que de algum módo concorre tambem para o bom acolhimento por parte do público que assim tem um jornal variádo e tanto quanto possivel completo.

Saudando *A Folha Nova*, o *Democrata* quer tambem significar-lhe, e isso faz, quanto estima os seus prosperidades para que prosiga na rôta ha um ano encetáda.

* * *

O Radical.—E' um semanário que se publíca em Leiria sob a direcção do deputado evolucionista, sr. Ribeiro de Carvalho, e que egualmente entrou em novo ano de publicação.

Bem redigido e com magnifico aspecto material, nem por pertencer a um partido de que não fazemos parte, deixaremos de lhe prestar as nossas homenagens reconhecendo em Ribeiro de Carvalho um jornalista distinto e poeta apreciavel.

POLITICA DE ESTARREJA

=*=

Uma adesão ao partido democratico em paga dum emprego —A influencia do deputado Barbosa de Magalhães

Ainda que vágamente, vamos relatar um caso que se deu ha pouco e que deixou mal impressionada toda a gente que o conhece.

Nós, como novos, não temos aquela autoridade dos vélhos, mestres em politica, que teem em todos os assuntos um artificio colorido pelo qual se pretende mostrar aos novos que a razão e a justiça estão do seu lado.

Eis o caso: Houve ha tempos uma pequena questão entre o juiz de paz da Murtoza e o escrivão do mosmo juiz, questão esta que foi levada aos tribunaes, que a resolveram duma maneira airosa para o escrivão.

Tratava-se da questão e apareceram logo vários pretendentes ao logar, visto que êle era rendoso, e, apezar de mil imposições, ficou assente com o sr. Barbosa de Magalhães que o escrivão, Tavares dos Santos, se conservaría no logar porque não havia razão para a sua demissão nem tão pouco para a sua transferencia. Eis senão quando aparece no *Diário do Govêrno* a transferencia de Tavares dos Santos, por motivo disciplinar, para Esmoriz! Escusado será repetir que não havia razão para tal transferencia, mas o que havia era a imposição dum tal sr. Conceição—o *Pisco*—cacique ou influente de Veiros para arranjar um logar para o filho. Depois de satisfeito o pedido do *Pisco,* entraría este no partido democratico com todo o seu rebanho, o que nos levou ao convencimento de que isto vai de mal a peor.

O *Pisco,* creatura muito afeiçoáda do sr. Conde de Agueda não pôde arranjar com êle um logar para o filho o que hoje conseguiu o sr. Magalhães duma maneira deprimente não só para ele, mas tambem para o partido em que milita!

E falo no partido em que milita porque foi êle o primeiro que começou a desprestigiar os caciques doutro tempo, para hoje sucumbir vergonhosamente aos pés dêles. Pensa talvez o sr. Magalhães que com a aquisição do *Pisco* para os arraiais democraticos, vingará, nas proximas eleições, a sua candidatura a deputado? Engana-se redondamente; e senão nós verêmos.

Deslocar um homem do seu logar por meia duzia de vótos e um par de sapatos, é simplesmente repugnante e impróprio dos ideais da Republica..

Devemos dizer ao sr. Afonso Costa, com imensa mágua, que se os homens que o acompanham procederem da mesma fórma que o deputado Barbosa de Magalhães procedeu na questão acima mencionáda,êles morrerão politicamente como morreu no concelho de Estarreja o sr. Barbosa de Magalhães.

Isto é um protésto dum liberal que não morre de amôres pela politica, mas que tem o direito de protestar, como bom português, contra todas as violencias.

R.

Solidariedade

O nosso presadissimo coléga da Guarda, *O Combate*, que é tambem um dos jornaes de provincia que primam pela firmêsa com que sempre defenderam o crédo republicano através de todas as contrariedades e vicissitudes, publíca no seu ultimo numero o seguinte:

Cumprimentos

«*O Democrata*, de Aveiro, continúa a zurzir impiedosamente mas justiceiramente os inimigos da Republica, entre êles varios *camaleões* que se passaram a dizer republicanos logo que viram que a Republica triunfava e da Monarquia nada podia já vir-lhes.

Mas não é sómente por não poder-lhes vir nada da Monarquia; é porque pondo mascara republicana se encontram mais em resguardo para o ataque aos republicanos, para sobre aquêles que mais amam e defendem a Republica melhor atirarem os seus insultos e as suas injurias, cevando o seu odio de velhos e eternos inimigos.

Mas bem haja o nosso intemerato colega que os esmaga como esmagava, nos ultimos anos monarquicos, aquêle celebre *pasquim* que se tornou o evangelho clerical por se tornar o mais infame dos jornaes contra os republicanos.

Nós cumprimentâmos o *Democrata.*»

São palavras amigas, estas, que muito nos penhóram exatamente por partirem dum confrade distinto entre os mais distintos da imprensa portuguêsa.

O *Combate*, que José Augusto de Castro dirige com a maior proficiencia, é o jornal que na velha cidade, fóco do jesuitismo, tem lutádo com denodo pelos sãos principios da democracía, valendo-lhe tambem o ser atrozmente perseguido sem que nunca fraquejasse deante do inimigo. E' dos antigos, dos de tempera rija, com quem faz honra ter camaradagem, o *Combate*. Por isso lhe agradecemos as suas amistosas referencias que não pódem ter outro cunho senão o da sinceridade a cada passo manifestada em todos os seus escritos.

Cartas

Amigo Arnaldo Ribeiro:

*Peço a finêsa de n'*O Democrata *publicar essas duas cartas. Abstenho-me, por enquanto, de comentarios. Irão em logar pròprio no devido tempo.*

S. e F.

André dos Reis.

1.ª

Meu amigo snr. Francisco Augusto da Silva Rocha:

Rogo-lhe a especial finêsa de, em carta dirigida á minha pessôa, declarar, sob sua palavra de honra, o que sem dúvida alguma póde fazer, se eu, em algum tempo, directa ou indirectamente, lhe solicitei para que o meu Amigo, sendo como é, e tem sido, membro da Meza da Santa Casa da Misericordia, influisse perante a dita Meza para que a mêu irmão, Domingos João dos Reis Junior, fôsse dado o receituário do Hospital desta cidade.

Permita que eu possa fazer dessa carta o uso que entender.

Agradecendo, desde já, a atenção que se dignar prestar-me, creia-me

Aveiro, 27 | 11 | 1912.

Ámigo af.º at.º

André dos Reis.

2.ª

Escola Industrial Fernando Caldeira. Aveiro 27. novembro. 1912.

Meu Caro amigo:

Em resposta á sua prezada carta cumpre-me dizer-lhe que nem directa ou indirectamente o meu amigo me fez pedido algum, de qualquer natureza, para seu irmão Domingos João dos Reis Junior, e, especificadamente, o de ter eu influido para que lhe fôsse adjudicado o receituário da Misericordia desta cidade. Nenhuma influencia tenho sobre a Meza, obedeci sómente a um áto de justiça, porque tendo seu irmão concorrido a êsse fornecimento, apresentou-se ele êm taes condições de opção que a Meza da Santa Casa votou expontaneamente essa propósta, como é próprio da indole daquela Corporação que está ali unica e exclusivamente para exercer átos de pura administração. Devo dizer-lhe, porém, que esse facto me foi bastante agradavel, porque sou muito amigo de seu irmão Domingos.

Faço estas declarações e afirmo-as sob minha palavra de honra sem receio de contestação, de bôa fé.

Póde meu amigo fazer o uso que entender desta carta.

Seu amigo af.º

F. A. Silva Rocha.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Ainda e sempre o caso Pereira da Cruz

São do *Jornal de Estarreja*, secção *Factos & Comentários,* os seguintes periodos:

E' um caso gráve este de Pereira da Cruz, tratado pelo nosso colêga o *Democrata.*

Este intemerato jornal acusou aquele medico miliciano de coisas gráves como a de isentar recrutas do serviço militar a 50$000 réis, e apresentou documentos dêsses factos. Instaurado processo contra o mesmo medico, em virtude das mesmas acusações, êsse processo foi arquivado, diz-se que por falta de provas, e desde logo ameaçado o *Democrata* de processo por difamação.

Mas afinal a coisa nem anda nem desanda...

Ora a nossa opinião é que ou o sr. Pereira da Cruz praticou as arbitrariedades de que o *Democrata* o acusou e tem de responder por élas, ou o *Democrata* difamou e tem de responder pela difamação.

E tambem em nosso entender ninguem tinha o direito de intervir na contenda sem que toda a verdade fosse averiguada, mas assim não procedeu o *Campeão das Provincias*, que veio em defeza do sr. Pereira da Cruz, chamando á causa do *Democrata* campanha de difamação, e que porisso agora, *á conta* do *Democrata*, ouve o que não quer.

Toda a gente espera pela acção da justiça nêste caso.

Toda a gente e nós, colêga, que estâmos fartos de bradar alto ao sr. Pereira da Cruz que nos confunda se é capaz.

O colêga viu os documentos que aqui fôram publicádos comprovativos da *chantage* praticáda por o medico, que é a vergonha désta terra; lêu, cértamente, o que dissémos sobre o que averiguou a junta medica que procedeu em Ilhavo ás inspecções dos mancêbos recenciados para o serviço militar, mas o que o *Jornal de Estarreja* não sabe é que já depois disso colhêmos novos elementos que hão-de servir no tribunal—se lá fôrmos chamadôs—para deitar por terra, amarfanhada, toda a falsa honestidade de que o sr. Pereira da Cruz andáva revestido.

Pois pensará alguem que adormecêmos ou nos deixâmos embalar por sonhos quando pela frente aparecem a querer salvar o naufrago, servindo-se dos antigos procéssos monárquicos, aqueles mesmos que ainda ontem insultávam os republicanos afrontando os elementos liberaes désta terra?

Não; que nós de ha muito sabemos com quem lidâmos...

Aparecimento de pistólas

Dizem-nos que juntamente com a lama tiráda por meio de dragagens do fundo da ria, teem vindo tambem algumas pistólas automaticas o que vem confirmar a versão que correu de que não podiam ter tido outro destino as que para aí viéram antes da incursão e desapareceram como por encanto quando fôram presos alguns individuos.

E digam lá que não, que não havia cá disso...

Inauguração de retrato

Numa dependencia da casa do nosso amigo Alberto Rosa, visto a sala do *Centro Republicano* local ser de acanhadas dimensões, realisou-se no domingo na proxima freguezia de Arada a inauguração do retrato de Joaquim Rei Néto, de quem o partido republicano recebeu inumeros serviços, antes da sua doença,e que por esta fórma lhe quiz manifestar a sua gratidão e simpatia.

Ao acto assistiram muitas pessoas não só do logar como de Aveiro, as quaes unanimemente aplaudiram os discursos dos srs. Rui da Cunha e Costa, Mélo Freitas e dr. André dos Reis, este presidente da meza com os srs. Bernardo Torres e João Gamélas que serviam de secretários.

Era quasi noite quando a sessão de homenagem a Joaquim Rei Néto terminou, sessão que nos dizem ter deixádo as mais grátas impressões no espirito de quantos a éla assistiram.

Pelo rápido e completo restabelecimento de Joaquim Rei Néto, são os nossos vótos, para que volte a prestar ao novo regimen o concurso da sua valía.

Jurados comerciaes

No dia 25 realisou-se no tribunal désta comarca a eleição dos jurados comerciaes que hão-de servir nos dois semestres do futuro ano, saindo eleitos os seguintes cidadãos:

1.ª PAUTA

Alberto João Rosa, Alberto da Cunha Azevedo, Antonio Alves Videira, Antonio da Cunha Coelho, Albino Pinto de Miranda, Antonio Vilar, Bernardo de Souza Torres, Domingos João dos Reis, Francisco Pinto d'Almeida, Francisco Antonio Meireles, Francisco Migueis Picado, Francisco Ferreira da Maia, João Campos da Silva Salgueiro, João Pereira Campos, José Gonçalves Gamelas, José Marques d'Almeida, Manuel Lopes da Silva Guimarães, Manuel Barreiros de Macêdo, Pompilio Souto Ratóla, Ricardo Mendes da Costa e Manuel Maria Moreira.

2.ª PAUTA

Antonio Souto Ratóla, Antonio Manuel da Silva, Antonio Augusto da Silva, Alfredo Augusto de Lima e Castro, Carlos Ferreira Crespo, Domingos Martins Vilaça, Eduardo Pinho das Neves, Eugenio Ferreira da Costa, Francisco Ventura, Francisco Casimiro da Silva, João Pinto de Miranda, João Vieira da Cunha, Pompeu da Costa Pereira, Antonio Valentim Pedrosa, Manuel Gonçalves Moreira, José Augusto Ferreira, Ricardo Pereira Campos, Joaquim Ferreira Felix, José Maria Sarabando e João José Trindade.

Padre João da Assunção Passos Viana

O *Democrata* regista com o mais profundo sentimento, cheio de consternação, a morte dêste tão digno quanto ilustrado clerigo que pelo seu espirito liberal, pelo seu caracter, pelo seu genio expansivo e pela sua alma bemfazeja havia conquistado as simpatias dos seus conterraneos e de todos nós, aveirenses, quando visitámos, ha tres anos, Viana do Castélo onde êle foi dos que mais se salientaram nas manifestações aos excursionistas e á terra que representávam.

O entusiasmo, então, do padre João da Assunção a ninguem passou despercebido, lembrando-nos até que fômos nós os primeiros a saudal-o no *Sport Club Vianense*, néssa memoravel tarde de despedida, porque, informádos devidamente das qualidades dêsse padre, êle era bem digno do nosso respeito, e, pela maneira fidalga com que nos recebeu, das homenagens do grupo excursionista a quem prodigalisou obsequios, confundindo-o sobremaneira.

Por tudo, pois, o passamento do estimado sacerdote confrange-nos porque é de menos um amigo de Aveiro que contâmos na encantadora cidade minhôta, de menos um padre verdadeiramente republicano, como era conhecido, que ás instituições prestáva relevantes serviços e ainda porque o considerávamos, acima de tudo, um padre que fazia honra á classe pelos seus bons exemplos, dignificando-a pela vasta inteligencia de que era dotádo.

Que descance em paz. E a toda a sua familia, a Viana do Castélo, nós enviâmos condolencias, as mais sentidas, tal é a magua com que recebemos a triste nova.

* * *

O *Club dos Galitos* enviou ontem ao *Sport Club Vianense*, o seguinte telegrama:

Sport Club Vianense

Viana do Castélo

O *Club dos Galitos* surpreendido dolorosamente pela noticia do falecimento Padre João da Assunção, a quem é devedor das mais penhorantes provas de simpatia e afecto, na impossibilidade de fazer-se representar funeraes, apresenta a mais viva expressão seu intimo pezar acompanhando *Sport Club* no seu sentimento pela perda irreparavel de tão distinto consócio.

O Presidente,

Antonio Simões de Carvalho

Jornal pedagógico

Os professores de ensino primário de Aveiro projectam a publicação dum semanário, defensor da classe, cujo titulo ainda é desconhecido.

Sairá em bréve.

VENTOSAS

Assobiando a um recruta
dentre as frondes do arvorêdo
Cérto Melro—a ave astuta,
Desf'ria muito em segrêdo
Toda a escala e sem batuta...

Cêdo ainda, ei-lo pousava
nas Cancélas *do ti* P'reira,
onde então assobiáva
a cantiga zombeteira
dos recrutas que livrava...

Era um mélro excécional;
bisnau de bico amarélo,
influente eleitoral:
dava aos outros o farélo
e êle ia p'ra o ervilhal...

Dando um dia á taraméla
voou p'rá quinta do P'reira,
vai pousar sobre a Cancéla
mas tinha uma ratoeira
e o Mélro *cái na esparréla...*

O conto é triste e maninho:
hoje o Mélro *lá estióla*
'sfregando, triste, o focinho
pelas grádes da gaióla...
Se assobia. é o choradinho...

***

Serviço de administração

Mandámos á cobrança pelo correio, uns, e por intermédio de obsequiosos amigos nossos, outros, os recibos de "O Democrata,, vencidos ou prestes a vencerem-se, do que dâmos conta aos nossos presados assinantes rogando-lhes a finêsa do seu bom acolhimento afim de nos evitárem novas despêsas e podermos trazer em dia a escrituração do jornal.

***

No **Congo Bélga, Pará** e **Manáus** estão respectivamente encarregados de receber as assinaturas que lá possuimos, os srs. **Henrique Madail, J. J. Nunes da Silva e João Simões Amaro Junior,** devendo os assinantes das outras partes do ultramar, onde ainda não temos pessoa idonea que nos represente, mandar as importancias directamente a esta redacção, o que desde já muito agradecêmos.

Instrução militar preparatoria

Sáe no proximo mez á luz da publicidade um pequeno livro sobre esta instrução, que contém os programas, vantagens,concessões, prémios, concursos, modêlos de relações, etc., etc., elementos, que muito interessam não só os estudantes, como tambem professores e autoridades.

Autor: Jorge das Neves Larcher.

Os pedidos devem ser dirigidos á livraria do editor D. Antonio Pinto dos Santos, rua a Sofia—Coimbra.

Passou no dia 1 o aniversário do sr. Joaquim de Vasconcélos, de S. João de Loure.

Parabens.

Alquerubim

Foi promovido a 1.º tenente da armada, o distinto oficial da nossa marinha e quintanista da escola medica de Coimbra, sr. Eduardo Nogueira Lemos.

A este brioso oficial e distinto academico enviam com um abraço sincéro, os seus parabens

Francisco Mélo
Acacio Faca

O DEMOCRATA

Vende-se agora no **Kiosque Pereira,** junto ao mercado do Côjo.

Comunicados

A questão da casa da aula do sexo masculino da Palhaça

Ter-me-ía já referído ao comunicado do sr. Rodrigo Caládo, se não esperasse pela ocasião de serem publicados dois artigos que tinha enviado á redacção dêste jornal. Veio um publicado no penultimo numero e o outro por lá ficou,como que envergonhado,metido pelos papeis da casa. Foi infeliz esse artigo e os leitores que se interessam pela questão da casa da aula e desejam vêr em que páram as coisas, ficáram a zéro no ultimo numero dêste jornal.

Vâmos ao caso.

Não resta duvidas a ninguem que o sr. professor Caládo lança mão de todo o expediente para conservar a aula no seu predilecto local. Arrancal-o do local da feira é arrancar-lhe os dentes da boca, por completo. Depois de se rojar aos pés do sr. inspector escolar de Anadia a pedir-lhe a conservação da aula ali, naquêle seu amado local, veio para a imprensa com arrancos proprios da sua pessoa, não se lembrando talvez que atraz dos arrancos vem muitas vezes os vomitos, que hão-de custar bem mais ao sr. Caládo. O seu protesto contra os comunicados ao sr. inspector escolar de Anadia é na sua maior parte um arrasoádo de mentiras de que o sr. se serviu para encher coluna e meia dêste jornal. O sr. Caládo ha-de concordar que ha 18 anos pouca gente se interessava pela instrução, principalmente nas aldeias, não admirando que numa escola se notasse, nêsse tempo, uma pequena frequencia. Mas o que é uma pura mentira é que na escola do padre mestre chegassem a frequental-a só 3 alunos! Visse o sr. lá os 3, podia não vêr nenhum, a verdade é que a escola do sexo masculino, mesmo no tempo do padre mestre,têve uma frequencia muito regular. Eu frequentei a referida escola cêrca de 3 anos, pouco tempo antes do sr. Caládo vir tomar posse da cadeira, e tive por companheiros nada menos de 30 alunos o mais do tempo.

Já vê, portanto, que faltou á verdade e que não foi devido ao sr. Caládo ser professor na Palhaça, que a frequencia aumentou tão cousideravelmente. E emquanto á casa, não admira que o sr viésse escolher a casa dos srs. Felix e Brito, visto que se tratava de dois seus amigos a quem convinha que a casa rendesse. Quem a veio vêr e aprovar é que se não sabe, pelo menos o sr. Caládo esqueceu-se de o dizer. Com a casa do sr. Coutinho, onde atualmente funciona a aula, sabe-se o jogo que aí houve, muito embora éla fôsse aprovada pelo então administrador do concelho de Aveiro e não pelo sr. inspector escolar de Anadia, como disse. Que fôsse um ou outro, isso pouco importa para a questão, que está no mesmo pé.

Vâmos ás condições das casas:

A casa onde está instalada a aula do sexo masculino é humida e árejada de mais. E' friissima para as creanças, que gelam lá dentro, tal o frio que ali se faz sentir. A casa do padre mestre é um salão suficientemente arejado, recebendo luz,muita luz, por duas janélas do lado sul além de uma do lado nascente e outra do poente. Pelas duas janélas do sul entra o sol quando o ha, tornando o salão muito preferivel ao atual, que é uma escuridão nêstes dias de sol, além de friíssimo, impossivel até das creanças resistirem e ininterrutamente continuarem os estudos. Solidêz, perfeitamente iguais. Portanto, luz muito superior á casa do sr. Coutinho, além de ser muito mais quente e muito mais enxuta. Mas, ó leitores! leiam e atendam:

Quando eu fui, ha um ano, encarregado pelo presidente da comissão municipal de arranjar casa, visto que o sr. Coutinho exigiu, num requerimento em poder da comissão,mais renda ou sejam 25$000 reis, logo o sr. Caládo se apressou e acometêra a dizer que a casa do padre mestre não servia para escola; que estava proxima do cemiterio (êle tem muito mêdo dos mortos) e que a lei não permite, etc., como ainda agora diz no seu comunicado. A lei não permite que a escola do sexo masculino vá para proximo do cemiterio; mas a mesma lei abrange que para perto do cemiterio vá a aula do sexo feminino! Vejam os leitores a lei de funil porque ainda se regula o sr. Caládo, e não só êle, como, parece, tambem que o sr. inspector escolar de Anadia se quiz servir déla. Por estes dados, que são a expressão da verdade, é que os leitores pódem avaliar quem é o sr. Caládo e avaliar da verdade com que êle veio á imprensa a querer atacar-me nésta questão tão justa como moralisadora. Quem poderá tomar este homem a sério? Não serve a casa para êle por estar proxima do cemiterio! Mas para ir para lá a aula do sexo feminino o cemiterio não está perto da casa! Mas se êle e outros de igual jaêz fôram sempre assim!...

Nunca defenderam a verdade, mas simplesmente os seus interesses. E' do que o sr. Caládo trata. Mas fica-lhe mal, creia, como muito lhe fica o sr. convencer-se de que realmente a casa do padre mestre chegára a andar debaixo de agua, quando o sr. Caládo devia conhecer ao menos que, quando na casa do padre mestre chegasse a andar o solho debaixo de agua, na casa onde está a escola,se fôsse em dia de aula, o sr. teria sentido a agua pela cintura! Tal é a diferença de altura de uma para a outra casa.

Mas o sr. Caládo não conhece essa diferença ou porque seja ingenuo demais ou porque lhe convem mentir. Mas convença-se de que nem mesmo a mentir consegue os seus arranjos. Com que então o sr. nunca foi politico, hein? A que chama o sr. Caládo politica? Naturalmente o sr. Caládo entende que ser politico é outra coisa que não seja pedir votos para os nossos afeiçoados, seguir um grupo ou um partido no tempo da monarquia, desprestigiar os nossos contrários, trabalhar numas eleições a favôr dêste ou daquêle partido. Isso não é ser politico? E quem atualmente defende a politica do sr. Antonio José de Almeida é ou não politico? Quem defende a politica de Brito Camacho é ou não politico?

Quem não vae ás eleições para a Constituinte por odio, talvez, á Repu-

blica, é ou não politico? Então no entender do sr. Caládo, o que é ser politico? Valha-o Deus, sr. Caládo!... Tenha ao menos vergonha, homem! Os que o conhecem sabem bem quem o sr. é. E os que o não conhecem só se convenceriam da mentira, se eu não tivésse cá em casa coisa com que o desmascarar, e me faltasse a tinta e uma simples penna de dez reis. Não me faltando uma nem outra coisa, o sr. não consegue vender trampolinices por bôa pescada, creia.

E até á semana, que não se póde fazer tudo de uma só vez.

Palhaça, 25 de Novembro de 1912.

Manuel de Mélo

N. da R. — Devemos dizer ao sr. Manuel de Mélo que se os seus comunicádos não teem sido insértos nos n.os em que os desejáva vêr, a culpa nem sempre é nossa. O sr. Mélo ha-de concordar que o jornal não é elastico e que a aglomeração de original, ás vezes, é tanta que não temos remédio senão sacrificar o que não pérde oportunidade, embora isso nos contrarie, como de facto sucéde.

Não tem razão, pois, o sr. Mélo para nos censurar, tanto mais quanto é cérto não haver da parte do *Democrata* motivo pelo qual possa ser posta em dúvida a lealdade com que aqui se procéde.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

Necrologia

Deixou de existir ontem nésta cidade ás primeiras horas da manhã, o alfaiate João Marques Soares, mais conhecido por *João dos Lenços*, deixando viuva e alguns filhos na orfandade.

Fazia parte da banda dos Bombeiros Voluntarios motivo porque esta e uma deputação de bombeiros se encorporáram no seu funeral.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

DEZEMBRO

DIAS	PHARMACIAS
8	LUZ
15	RIBEIRO
22	ALLA
29	AVEIRENSE

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

CORRESPONDENCIAS

Cacia, 25

Nêstes ultimos dias regressaram da encantadôra praia da Torreira os nossos dignos conterraneos e amigos srs. José Rodrigues Neta, Antonio Simões de Moura, Manuel Rodrigues Neta e João Nunes de Bastos que se fazia acompanhar de sua dedicada irmã, a menina Rosa Teixeira.

Cordialmente a todos cumprimentâmos.

= Realizou-se no ultimo sábado em Aveiro o registo do casamento do nosso dedicado amigo sr. José Lopes da Silva, com a menina Joana Simões, ambos désta freguezia. Ao acto serviram como testemunhas os nossos amigos srs. João Simões de Pinho e Francisco Simões Nunes.

= Tambem ha dias se realizou o enlace do ilustre caciense e nosso querido amigo e correligionario, cidadão João Maria Pereira Felix do logar da Quintã do Loureiro, com a sr.ª D. Libania Rodrigues Nogueira, do visinho logar de Taboeira.

Desejâmos a tão bons amigos um futuro próspero e venturoso, para que com suas extremosas esposas disfrutem as auras da sorte de que por tantos motivos são dignos.

= Vindo da capital da Republica chegou aqui o nosso conterraneo e amigo sr. Manuel Lopes da Silva, que veiu assistir ao casamento de seu irmão.

Já retirou hoje no comboio que do nosso apeadeiro sáe ás 9,3 horas.

= Com destino á mesma capital parte ámanhã o nosso sincéro amigo sr. Delfim Dias Pereira.

Bôa viagem, é o que lhes desejâmos.

= O tempo tem estado ótimo, embora nêstes ultimos dias tenha feito um frio desesperado.

= Encontra-se entre nós o nosso velho amigo sr. Antonio Lopes Maio, o primeiro caçador das apreciadas rabilhas. Ontem o encontrámos nós no seu predilecto entretimento, com a bonita conta de doze.

Felicitâmol-o.

= De Thomar chegou á sua casa de Mataduços o nosso dilecto amigo sr. Manuel Simões da Cunha Rêgo o qual já tivémos o prazer de cumprimentar.

= Tambem chegou de Lisboa á sua casa do Paço—Esgueira—o digno fiscal da companhia de Panificação Lisbonense, sr. Manuel Marques da Cunha.

Que no seio de sua estremecida familia gose bem, são os nossos desejos sincéros.

C.

Alquerubim, 3.

Já foi dádo aviso aos professores, para pagárem a contribuição á câmara de Albergaria, contribuição lançada sobre os ordenados. Os professores de 1.ª classe pagam *só* 6$980 réis.

E' preciso até aumentar as contribuições municipaes para poder pagar regularmente aos seus empregados que teem nesta freguezia para dirigir o serviço pessoal.—Empregados que ganham a 600 réis e andam, ás vezes, só a dirigir um trabalhador!

E depois, do ordenado dos professores ha de sair para pagar a estes *engenheiros!* Ora... bólas!

Em tempos não muito remotos estes empregados ganhavam 360 réis por dia. Hoje ganham 600 réis!

Teem razão. Tudo está caro... E o ordenado dos professores dá para tudo... Pois isto é de mais!!!

O ordenado dos pobres a engordar os ricos, não póde ser.

C.

Anadia, 19 | 11 | 912.

(Retardada)

Ontem, á tarde, chegaram a esta vila o agente da policia judiciária, Manuel de Jezus Moreira, um tenente de infanteria 23 e Eduardo José dos Santos, aspirante a oficial, afim de procederem ás várias investigações ainda precisas para juntar ao processo formados contra o padre José Alvaro, que em Vila Nova tanto desrespeitou a Republica e suas leis, revoltando o povo contra o regime, sendo tambem acusado de dinamitar o tunel do Salgueiral.

Muitas testemunhas teem já sido aqui ouvidas sobre estes casos continuando estes serviços, depois de aqui concluidos, em Mealhada, Luzo e Mortagua.

Muitos são os casos de que é acusado e muitos individuos estão com êle cumplices, razão porque muitos magnátes de Vila Nova apertam as mãos na cabeça prevendo o que lhes acontecerá.

E' sabido que na administração dêste concelho, logar onde foram colhidas as informações, estivéram creaturas estranhas a tudo, ouvindo os depoimentos, dizendo depois por várias partes que algumas testemunhas se esforçaram por *enterrar* o padre e outros.

Mais se consta que o padre escreveu de Coimbra ha poucos dias para elementos de Vila Nova, dizendo estar satisfeito com a fórma como tem sido tratádo, e bem assim com a maneira como tem sido interrogado, dizendo mesmo esperar vêr os seus *algozes* a chuchar no dêdo, tal é a razão que tem para supôr ficar isento de todas as *máculas*. Mas isso não será bem assim e senão esperemos.

C.

Anuncios